

poéticas políticas

Continentes

Continents

Viviane Souza de Almeida¹

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: viviane.souzaalmeida@ufpe.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6100-4808>.

Submetido em 05/06/2022.

Aceito em 15/11/2022.

Como citar este trabalho

BARROS, José d'Assunção. Tristeza maravilhosa. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, v. 9, n. 1, jan./jun. 2023, Brasília, p. 657-660.

insurgência

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais | v. 9 | n. 1 | jan./jun. 2023 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.
Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

Continentes

Me sinto cerrada em meus sentimentos, na dor, na saudade, na falta, no vazio. Na ambivalência de tudo. Na alternância eterna da minha mente. Nas voltas que meu coração dá, me dando momentos de puro prazer e contentamento e, logo em seguida, me dando a outra face.

A dor de ter que desamar é inexplicável. A dor de perder quem se ama. É um abalo sísmico que separa duas porções de terra que outrora eram inseparáveis. Pangeia era um estado de puro amor, hoje somos continentes, separadas por um atlântico de memórias e passado, apenas espíritos. Somos América Latina e África, dois encaixes perfeitos inajustáveis. Fomos dantes apenas uma.

Não se vive essa separação sem que todas as nossas estruturas se abalem, sem que nossas vidas passem por todos os desastres naturais possíveis: terremotos, vulcões, tempestades, tsunamis. A terra já não é mais a mesma.

Na pangeia residia o Éden, paraíso, harmonia. Mas, veio o pecado e tudo acabou. O paraíso saiu da terra e se separou. Não existe caminho de volta, mas as marcas estão ali para escancarar que a América Latina e África já pertenceram uma à outra. E isto é inegável.

Não nego que meu coração já pertenceu a alguém, entreguei como os nativos trocaram tesouros por espelhos. Fui esse bom selvagem, uma imagem num quadro forjado, nas paredes de algum palácio português. Fui esse ser idealizado de Rousseau, este sujeito em estado de natureza.

Nunca neguei meu eu rousseuniano, nunca. Mas fui um mito e já não sou nada disto. Me romantizei até não lembrar minha dor. Entreguei meu coração e tomei-o de volta e agora... E agora? Não sou um bom selvagem. Sou aquele que insurgiu e morreu por liberdade. Morri mil vezes, nasci novamente na verdade dos meus dias.

Me sinto cerrada, não há saída dentro deste labirinto, desta armadilha. Não há escape dessa confusão latina. Sinto falta do bucolismo, da minha pangeia, do meu afago, do meu estado de perfeito, uno e puro amor. Hoje, embora inteira, sou metade de mim, sou continente, sou... Latino-americana.

Sobre a autora

Viviane Souza de Almeida

Mestranda em Direitos Humanos, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

